

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O *COMO* E O *QUANDO* DO SEXO: COMPORTAMENTO SEXUAL ADEQUADO ÀS
MULHERES NA SEÇÃO DE REPORTAGENS DA REVISTA *CLAUDIA* NA PRIMEIRA
METADE DA DÉCADA DE 1960

CAROLINE ACCO BASEGGIO

Porto Alegre

2. Semestre

2009

O *COMO* E O *QUANDO* DO SEXO: COMPORTAMENTO SEXUAL ADEQUADO ÀS
MULHERES NA SEÇÃO DE REPORTAGENS DA REVISTA *CLAUDIA* NA PRIMEIRA
METADE DA DÉCADA DE 1960

CAROLINE ACCO BASEGGIO

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Filippozzi
Martini

Porto Alegre

2. Semestre

2009

AGRADECIMENTOS

Apesar de um trabalho desta natureza ser feito em grande parte do tempo de maneira solitária, existem pessoas que contribuem de maneira decisiva para que ele possa ser realizado e nos rumos que ele acaba por tomar.

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a minha orientadora, Profa. Maria Luiza Filippozzi Martini, que de maneira tão gentil e atenciosa aceitou orientar este trabalho, já iniciado há dois anos atrás. Nossas conversas possibilitaram que eu não só repensasse os objetivos dessa pesquisa, como em muitos momentos me reportaram para o próprio momento que estava sendo analisado, os idos anos 1960, e toda o clima de contestação e utopia que os cercaram.

Agradeço também ao Departamento de História da UFRGS, em especial ao Prof. Benito Bisso Schmidt, com quem iniciei este trabalho em 2007, na cadeira de Técnicas de Pesquisa. Desde o início ele demonstrou interesse e apoio à temática deste trabalho, o que me motivou a seguir em frente em um terreno até então completamente desconhecido para mim.

Aos meus colegas e amigos, principalmente aqueles que conheci ao longo desses cinco anos de UFRGS, o meu muito obrigada.

A todas às mulheres, de ontem e de hoje, que não aceitaram o que a vida lhe reservara, e das maneiras mais diversas possíveis lutaram pela mudança e pela igualdade.

Por fim, dedico este trabalho também aos meus familiares mais próximos. À minha mãe, Neusa, pelo esforço, bravura e otimismo com que sempre levou a vida. Ao meu irmão Alexandre, amigo e companheiro de caminhada. A vocês dois, o meu carinho, amor e gratidão.

SUMÁRIO

| | | |
|--|---|----|
| RESUMO | 5 | |
| INTRODUÇÃO | 6 | |
| | | |
| CAPÍTULO I | | |
| ANTES DE CASAR: AS MULHERES, OS HOMENS E AS EXPERIÊNCIAS PRÉ- CONJUGAIS | | 16 |
| | | |
| CAPÍTULO II | | |
| O CASAMENTO COMO PRÉ-REQUISITO PARA O SEXO | | 24 |
| | | |
| CAPÍTULO III | | |
| TRANSGREDINDO AS NORMAS: QUANDO O SEXO ACONTECE FORA DO CASAMENTO | | 31 |
| | | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | | 37 |
| FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | | 39 |

RESUMO

Este trabalho busca analisar como se articulava o discurso da revista *Claudia*, periódico de circulação mensal, no que diz respeito ao comportamento sexual feminino, na primeira metade da década de 1960. Objetiva demonstrar como a revista procurava intervir e/ou direcionar comportamentos às suas leitoras; em que medida contribuía para a manutenção da relação desigual entre os gêneros e como também estimulava novos comportamentos. Ao final da análise, percebe-se que a revista *Claudia* estimulava comportamentos novos, em função de mudanças irreversíveis que vinham ocorrendo na sociedade e que, para adaptar-se ao seu tempo e a seu público, modificava seu discurso quando convinha. Apesar disso, representou uma mudança importantíssima nos seus conteúdos e intervenções, quando comparados aos de revistas voltadas ao público feminino de décadas anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: revista *Claudia* – comportamentos sexuais – relações de gênero

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca identificar como eram articulados os discursos referentes ao comportamento sexual feminino no periódico *Claudia*, revista feminina de circulação mensal, na primeira metade da década de 1960.

Surgida em um período de convulsões sociais, políticas e culturais na sociedade mundial e brasileira, a revista *Claudia* chama a atenção pela inovação que traz em suas páginas, ao falar de temas pouco comuns nas revistas femininas de décadas anteriores. *Claudia* possuía uma roupagem moderna, perfeitamente articulada com a sociedade que estava surgindo. Apesar de trazer temas novos e estimular posicionamentos mais avançados para as mulheres, ainda permanecia com uma postura conservadora, em que a manutenção do lar e da família eram fundamentais. Diferente do observado por Sandra da Silva Carelli, estudando período diferente (segunda metade do século XIX), em que as mudanças pelas quais passava a sociedade não foram suficientes para flexibilizar padrões femininos de comportamento¹, na primeira metade da década de 1960, por meio da revista *Claudia*, percebe-se que a nova configuração social chamava às mulheres não só a ocupar lugares diferentes (como o espaço público), mas também a assumirem novas posturas de comportamento no que tange ao seu cotidiano, desde ao modo de relacionar-se com o companheiro até a forma de encarar a sua sexualidade.

A década de 60 do século passado foi um momento extremamente importante e conturbado no mundo. As novas reivindicações sociais, culturais e étnicas estavam em voga e faziam parte das discussões do período. As mulheres, inseridas nesse contexto, passaram reivindicar para si maior autonomia em relação aos seus papéis sociais, bem como para o uso de seu corpo e de sua sexualidade. Um dos fatos mais relevantes ocorridos nessa década foi o surgimento da pílula anticoncepcional e suas implicações.

Enquanto em países europeus como a França o uso da pílula foi conquista de lutas por maior autonomia em relação ao corpo², no Brasil a introdução da pílula anticoncepcional em

¹ CARELI, Sandra da Silva. *Texto e contexto: virtude e comportamento sexual adequados às mulheres na visão da imprensa porto-alegrense da segunda metade do século XIX*. Porto Alegre, junho de 2007. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 8-26.

² Para maiores informações sobre a comparação entre Brasil e França, ver: PEDRO, Joana Maria. *A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração*. In.: *Revista Brasileira de História*, vol. 23, n. 45. São Paulo, julho de 2003.

1962 se deu por motivos externos. O Brasil e América Latina eram vistos como possíveis “bombas populacionais” pelas políticas internacionais. Basta lembrar que em 1959 havia ocorrido a Revolução Cubana e o estabelecimento de um sistema socialista num país bem próximo geograficamente. Era preocupação de organismos internacionais e dos governos dos países alinhados ao bloco capitalista, principalmente os Estados Unidos, que essa região do globo pudesse passar por uma revolução social, semelhante à cubana e posteriormente alinhar-se à URSS. Entende-se, entre outros fatores, o porquê da preocupação com o crescimento acelerado da população brasileira. Para a mulher brasileira, o uso do anticoncepcional não derivou da luta por maiores direitos ou reivindicações organizadas. Inseriu-se no cotidiano, de modo que já no início da década de 1960 o anticoncepcional e o DIU eram comercializados sem entraves no Brasil.

Mesmo que o aparecimento da pílula anticoncepcional não tenha representado na sociedade brasileira a luta das mulheres por maior autonomia, comportamentos novos começavam a entrar em choque com antigos, principalmente aqueles referentes à conduta sexual. Novas discussões começavam se fazer presentes, e era interesse das mulheres obter maiores informações a respeito de sua sexualidade.

A revista *Claudia* surge nesse período, mais especificamente em outubro de 1961, como uma publicação de caráter inovador, quando comparada aos periódicos femininos anteriores. As revistas femininas eram, em geral, no formato telenovela e *Claudia* inovava ao se apresentar com um “guia prático para todas as horas”.³

A possibilidade da publicação de uma revista como *Claudia* dava-se pelo fato de que encontramos o Brasil, no início da década de 1960, em franca urbanização e industrialização. A publicação soube utilizar-se muito bem das possibilidades de consumo que uma classe média em ascensão poderia proporcionar e transformou-se, em pouco tempo, na segunda maior fonte de renda publicitária do Grupo Abril.⁴ Seu primeiro número teve tiragem de 150 mil exemplares.⁵

Claudia apresenta inovações em relação a publicações de décadas anteriores voltadas para o público feminino. Entre elas, a possibilidade de se pensar na dissolução dos vínculos matrimoniais. De qualquer maneira, isso deveria ser evitado ao máximo, por todo o peso que

³ DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmem da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

⁴ Idem, p. 19.

⁵ Idem, p. 17.

o lar e a família ainda tinham perante a sociedade.⁶ Entre outras inovações, percebemos a possibilidade de opiniões bastante divergentes dentro de uma mesma publicação. A coluna *A arte de ser mulher*, escrita por Carmem da Silva a partir de 1963, é exemplo disso. Dissonante do restante, Carmem levantava bandeiras em favor de maior liberdade para as mulheres e incentivava sua luta por ampliação de direitos, bem como a sua felicidade pessoal e individual.

Claudia era uma revista voltada para a mulher de classe média urbana, que poderia comprar os produtos anunciados em suas páginas. Destacou-se, entre as publicações da época, por inaugurar um novo estilo, a “revista amiga”, procurando identificação com suas leitoras. Apresentava-se moderna, dinâmica, mas, quando da análise de suas reportagens, percebe-se que articulava ainda um discurso conservador, aconselhando suas leitoras a manter o papel tradicional (boas esposas e mães) e, na visão da revista, adequado às mulheres.

Uma das inovações significativas dentro da revista eram as reportagens que pretendiam esclarecer e informar as leitoras sobre *comportamentos sexuais*. Visto que a sexualidade feminina sempre foi “abafada”, contida e escondida, no Brasil, desde o período colonial, já que a sua liberação ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas⁷, falar de sexo é uma inovação importante e considerável.

Matérias falando de virgindade e sexo no casamento aparecem logo no início de sua publicação. Essas matérias suscitavam curiosidades nas leitoras, que passaram a mandar cartas para a seção *Claudia responde*, algumas vezes angustiadas, outras parabenizando a revista pela iniciativa, ou muitas vezes pedindo respostas pontuais para as suas dúvidas.

As reportagens de *Claudia*, bem como as respostas em *Claudia responde*, mostram-se ambíguas, ora incentivando as mulheres a assumirem posturas mais avançadas, ora corroborando com padrões antiquados de comportamento. A partir dessa informação, proponho-me a analisar **de que maneira a revista *Claudia*, na seção de reportagens, buscou intervir e/ou direcionar o comportamento sexual feminino, na primeira metade da década de 1960.**

⁶ BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). In.: *Cadernos PAGU*, n. 1. IFCH, UNICAMP, 1993. p. 111-146.

⁷ ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45.

A opção por trabalhar somente com a seção de reportagens, e não fazer o cruzamento com outras seções, ou mesmo outras fontes, deve-se, primeiramente, ao fator tempo. Respeitando os limites de um trabalho de conclusão de curso, optou-se por deter-se somente em uma seção, que, apesar de não demonstrar a opinião do periódico como um todo, configura-se como a reportagem central da revista, aquela que chama a atenção, que é colocada na capa, e faz o apelo para a leitura. Dificilmente o leitor irá ler o todo o conteúdo do periódico, mas pelo apelo da reportagem central, acredita-se que essa, talvez em detrimento das outras, será lida. Procurou-se, nesse trabalho, identificar o discurso do periódico *Claudia*, como representante do discurso veiculado pela imprensa destinada às mulheres das classes médias naquele período, e não o discurso da sociedade como um todo, ou então, o discurso veiculado pela imprensa. Quanto à delimitação temporal, optou-se por trabalhar com o período de surgimento da revista (outubro de 1961), e estender-se até o fim de 1964. Acredita-se que esse período dá conta de uma parte, ainda que pequena, das mudanças que estavam ocorrendo na sociedade. É o período inicial, em que a revista aparece no mercado, e vai adaptando-se ao seu tempo e ao seu público. Nota-se também que as reportagens que buscavam orientar as leitoras sobre comportamentos sexuais são bastante frequentes no período, o que sinaliza que a temática estava na ordem do dia. O corte, ao fim de 1964, teve muito mais a ver com questões de tempo (a quantidade de material é imensa, precisou-se trabalhar com um período curto) do que com questões externas ou internas à fonte (não foram encontradas, por exemplo, mudanças referentes à conjuntura política brasileira – golpe militar de 1964 – que poderia, como hipótese, representar um retrocesso conservador no conteúdo da revista).

Como objetivos desse trabalho, buscou-se entender de quais maneiras a revista *Claudia*, na seção de reportagens, tentava intervir no comportamento sexual feminino. Se ela inovava ao trazer esse tipo de conteúdo, o que propriamente veiculava em suas páginas? Como ela contribuía para que a mulher continuasse como a “rainha do lar”, ou seja, dentro dos limites possíveis para uma boa mãe e esposa? E em que medida, também ela possibilitava transgressões a esse padrão, pois ao trazer esse tipo de conteúdo, colocava a mulher em contato com assuntos que até pouco tempo eram considerados proibidos.

A possibilidade de se trabalhar com novas categorias explicativas dentro da história é um movimento que surgiu a partir da crítica da Escola de *Annales*, que buscava “novos temas,

problemas e abordagens”. Dentro dessa crítica, a história das mulheres apareceu como uma das mais dinâmicas abordagens da historiografia contemporânea.⁸

Outros movimentos históricos, como o surgimento da história das mentalidades e a história cultural contribuíram para o avanço na abordagem do feminino. Para isso, foi necessário o apoio, em outras disciplinas, tais como a literatura, a lingüística, a psicanálise e principalmente, a antropologia.⁹ Assim, segundo Soihet e Pedro,

[...] as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo, a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres.¹⁰

Também os periódicos durante muito tempo sofreram espécie de “preconceito” por parte dos historiadores, que até a década de 1970 relutavam em utilizá-los como fonte. O motivo era a crença, difundida no século XIX e dominante até o século XX, de que a verdade histórica só poderia ser acessada por meio dos documentos, no sentido mais literal da palavra.

A renovação temática acompanhou a renovação documental. A própria concepção de documento histórico se modificou, abrindo espaço para os periódicos como fonte. Dessa forma, o trabalho com relações de gênero a partir de uma fonte periódica como *Claudia*, torna-se bastante pertinente. Para isso, é necessário definir as concepções teóricas e metodológicas que nortearam este trabalho.

Ao trabalhar-se com fontes de caráter periódico, algumas preocupações devem estar presentes. Em primeiro lugar, deve-se atentar para a **materialidade** desta fonte. Apesar de esta não ser tratada no trabalho, é preciso atentar para a imensa variedade, o tipo de papel, a preocupação com o visual que criam o “risco da leitura amena e ligeira, decorrente do mero folhear dessas publicações de época, que acabam por envolver o leitor/historiador no tempo pretérito que busca reconstruir.”¹¹

⁸ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2006. p. 112.

⁹ SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, n° 54. Dez. 2007. p. 285.

¹⁰ Idem, p. 285.

¹¹ MARTINS, Ana Luiza, *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras*. Em *História*, São Paulo, n. 22, v.1, 2003.p.60 *apud* LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2006. p. 131.

Em segundo lugar, é necessário **historicizar** a fonte com a qual se está trabalhando. O próprio material do qual é feita resulta “da interação entre métodos de impressão disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos”.¹²

Quanto ao conteúdo encontrado, é certo que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra o que elege como digno de chegar até o público leitor. Ao historiador, cabe analisar este discurso, procurando, através das ferramentas disponíveis para tal, identificar a diferença entre o acontecimento e a narração deste acontecimento.

O historiador irá trabalhar ainda com o que se tornou notícia, o que na opinião da redação do jornal/revista merece ser publicado. Por isso, é necessário entender quais as motivações que levaram determinado fato ou assunto a ir para a publicação. O local em que aparece determinado assunto também diz algo sobre ele. A reportagem de capa tem peso diferente da que só aparece no conteúdo interno, ou das pequenas notas dispostas nas páginas. Existe uma clara hierarquia de conteúdos, que não devem ser tratados, na hora da análise, de maneira homogênea.

Também merece atenção o fato de que “jornais e revistas não são [...] obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos.”¹³ Isso explica o fato de que, muitas vezes, encontramos opiniões diversas, muitas vezes dentro de um mesmo número. Por mais que a publicação siga uma linha, um conjunto de opiniões, algumas brechas possibilitarão que opiniões e discursos dissonantes apareçam.

O fato de o jornal ou revista fazer parte de um grupo empresarial, grupo político ou imprensa alternativa, também precisa ser considerado quando de sua análise. A revista *Claudia* surge em um período em que o lucro é o objetivo principal, mesmo que a revista veicule outros, como o de ser a “revista amiga” das leitoras. Isso explica em parte a mudança de discurso entre uma publicação e outra. Se a posição da revista desagradar o público, ela mudará, pois precisa continuar vendendo. Em outros tipos de publicações, essa mudança não faria sentido, já que vender não era objetivo, como em jornais que veiculassem idéias de partidos ou organizações políticas.

¹² Idem, p. 132.

¹³ Idem, p. 140.

Quanto às concepções teóricas deste trabalho, trabalhou-se com dois principais autores. O primeiro deles, Pierre Bourdieu, em seu livro “A dominação masculina”¹⁴, busca entender o que ele chama de *paradoxo da dóxa*:

[...] o fato de que a ordem do mundo, tal como está, [...] seja *grosso modo* respeitada, que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e loucuras [...]; ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais.¹⁵

Ao falar deste paradoxo, Bourdieu chama a atenção especificamente para dominação masculina, em que ele vê o exemplo por excelência dessa submissão paradoxal. Como os oprimidos, neste caso as mulheres, aceitam e reproduzem a dominação que a elas se impõe? Que mecanismos são responsáveis para isto? Por certo, a violência simbólica contribui para que as coisas permaneçam tais como são, já que esta violência é de caráter

[...] suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.¹⁶

Claudia busca muitas vezes direcionar o comportamento das suas leitoras, de modo que reproduzam e mantenham a estrutura hierárquica que as separa e inferioriza perante os homens.

Outra consideração importante do autor diz respeito ao processo de *des-historicização* e *eternização* das estruturas da divisão sexual. Segundo ele, é necessário perguntar-se quais são os âmbitos que fazem parte deste processo. Instituições com a família, a igreja, a escola, e em outra ordem, o esporte e o jornalismo articulam o discurso que legitima a dominação de um sexo sobre o outro, colocando essa dominação como *natural*, tirando-a da ação histórica. Neste ponto, *Claudia*, como representante da imprensa, ora veicula discursos que buscam incentivar novos comportamentos liberalizantes, ora regozijar-se pelos tempos não terem

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Küner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

¹⁵ Idem, p. 7.

¹⁶ Idem, p. 7.

mudado e a mulher ocupar ainda o seu papel *natural*. Na realidade, a revista adapta-se a sociedade em transformação quando muda a natureza seu discurso, entre outros motivos, por questões mercadológicas.

O conceito de violência simbólica tornou-se perfeitamente adaptável ao trabalho, ao considerar que a revista *Claudia*, dentro do período histórico delimitado, participou desse processo de naturalização da dominação masculina, ao tentar direcionar comportamentos que, mantidos, tinham como resultado a continuidade da submissão feminina. Nota-se, e é muito importante deixar isto claro, que o discurso de *Claudia* não é único, e encontram-se diferenças de posicionamento no seu conteúdo em espaços de tempo relativamente curtos.

Outra autora importante para o trabalho, a norte-americana Joan Scott¹⁷, busca mostrar como surgiram os primeiros estudos que buscavam trazer às mulheres à luz da história. Referindo-se ao gênero, como categoria de análise, ela pontua:

O termo gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre mulheres e homens.¹⁸

Em oposição ao termo história das mulheres, o termo gênero dá um caráter relacional à história, pois destaca que a história das mulheres não está separada da história dos homens. Isso se fará evidente no próprio transcorrer deste trabalho, em que se tornou impossível falar do que era veiculado às mulheres sem se referir também aos homens.

Para os historiadores não muito preocupados com esta temática, escrever a história das mulheres pareceu, quando do seu início, não ter grandes implicações. Admitia-se que as mulheres tinham tido sua história, mas à parte da dos homens, portanto esse seria um domínio separado do campo do conhecimento que não alteraria em nada os estudos já realizados. A questão se insere no sentido que, ao repensar as mulheres na história, seria preciso também repensar todas as relações em que elas se encontravam inseridas. Seria necessário, portanto, a escrita de uma *nova história*.¹⁹

¹⁷ SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In.: *Educação e realidade*. Porto Alegre, jul/dez. 1990. p. 5-22.

¹⁸ Idem, p. 13

¹⁹ Idem, p. 6.

Scott define gênero como “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.²⁰ Ela apresenta, entre os elementos constitutivos das relações sociais, os conceitos normativos, expressos em doutrinas religiosas, educativas, científicas. Estas ações normativas geram conflitos que, posteriormente, acabam passando historicamente como normas de um consenso social.

Claudia veicula conceitos normativos, expressos em suas páginas, e este trabalho busca identificar a forma como esses conceitos era repassados, para assim desvendar como se constituíam as relações entre os sexos na primeira metade da década de 1960, dentro deste periódico.

Para fins de organização, este trabalho foi dividido em três capítulos. No Capítulo I, procurar-se perceber como a revista tratava do tema “experiências pré-conjugais”. Como homens e mulheres deveriam chegar ao casamento? A virgindade feminina, em plena década de 1960, ainda seria considerada tão importante quanto há cinquenta anos atrás? *Claudia* faz uma grande pesquisa, em que vai atrás da resposta a esta pergunta. O que chama a atenção é que a princípio, somente homens são entrevistados. Como o resultado provoca descontentamento das leitoras, a revista decide fazer uma nova pesquisa, dessa vez entrevistando mulheres, e dessa vez o resultado é diferente, assim como o posicionamento da revista.

No Capítulo II, encontramos a grande inovação de *Claudia*, que irá falar do prazer sexual feminino, algo impensável em revistas femininas de décadas anteriores. Apesar disso, esse prazer só deveria ser encontrado dentro da união conjugal. A tônica do capítulo gira em torno da harmonia conjugal, e de como o sexo dentro do casamento era tido como fator importante para a harmonia do lar e um casamento feliz.

O Capítulo III irá falar da transgressão de comportamento sexual feminino e masculino, após o casamento – a infidelidade. Indesejada, pois romperia com a felicidade do casal e poderia destruir um casamento, a revista tenta entender as causas que levariam mulheres e homens a cometer esse deslize. Neste ponto, o tratamento dado a homens e mulheres se assemelha bastante – a revista irá criticar também os homens que traem sob a falsa justificativa de terem necessidades sexuais diferentes das mulheres, de serem polígamos por natureza. Para *Claudia*, isso não faria mais sentido, e já teria sido mais do que

²⁰ Idem, p. 14.

comprovado que homens e mulheres teriam necessidades iguais. De qualquer forma, ainda existiria o perdão e a possibilidade da união não ser desfeita – e a harmonia conjugal, a preocupação maior, ser mantida.

CAPÍTULO I

ANTES DE CASAR: AS MULHERES, OS HOMENS E AS EXPERIÊNCIAS PRÉ-CONJUGAIS

Neste capítulo, se procurará perceber como *Claudia* articulava o seu discurso no que se refere à prática sexual antes do casamento. Como eram tratados os dois eixos da relação – homem e mulher – e como eram encarados seus comportamentos referentes às experiências pré-conjugais.

As experiências pré-conjugais, visto a dupla moral sexual vigente, sempre foram encaradas de maneira diferente, ao se referir a mulheres ou a homens. Como bem nos explica Bassanezi:

A moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras *a virtude*, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade.

Em contrapartida, relações sexuais dos homens com várias mulheres não só eram permitidas, como frequentemente incentivadas. Os rapazes normalmente procuravam em suas aventuras prostitutas ou mulheres com quem não pensavam firmar compromisso, como as chamadas *garotas fáceis*, *galinhas* ou *biscates* que lhes permitiam familiaridades proibidas às *moças para casar*. A virilidade dos homens era medida em grande parte por essas experiências, sendo comum serem estimulados a começar cedo sua vida sexual.²¹

Para as mulheres, a castidade absoluta até o casamento (e a recomendação de certo pudor mesmo dentro da união) e para os homens, o estímulo e até encorajamento das práticas sexuais antes da união matrimonial.

Na primeira metade da década de 1960, considerando as mudanças pelas quais passava a sociedade, a forma como mulheres e homens chegavam ao casamento teria sofrido abalos? Essa foi a pergunta que motivou a redação da revista *Claudia* no transcorrer do ano de 1963 a fazer duas matérias de grande porte tratando do assunto. A primeira delas buscou entrevistar

²¹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 613 (grifos da autora).

somente homens, querendo saber o que os mesmos pensavam sobre o assunto; na segunda, somente mulheres foram entrevistadas.

Percebe-se, por essas reportagens, que a questão sexual estava na ordem do dia, ao ponto de que uma revista feminina como *Claudia* realizar uma grande entrevista, cobrindo várias partes do Brasil, para saber qual era a opinião de mulheres e homens sobre o assunto.

O que é interessante notar na configuração dessas reportagens é a maneira como elas foram gestadas. A primeira delas buscava saber o que os homens achavam da virgindade feminina: deveriam ou não as mulheres manterem-se *íntegras* até o casamento? Esta reportagem leva a uma segunda, oito meses depois, que busca a visão feminina sobre a questão. A segunda das matérias foi uma resposta à primeira, mas isso não significa que *Claudia* tenha necessariamente se preocupado com a opinião das mulheres sobre o assunto. O que ocorreu foi uma grande insatisfação das leitoras para com o conteúdo da primeira reportagem. Sinal dos novos tempos: as mulheres sentem-se insatisfeitas pelo que fora veiculado na reportagem, escrevem, demonstram essa insatisfação; e a revista transmite e se preocupa com a opinião feminina, a ponto de trazer as suas queixas para suas páginas.

Em fevereiro de 1963, a revista *Claudia* fez uma grande matéria, em forma de enquête, questionando mil homens de diversas partes do país com a pergunta: você *exige a integridade física* da sua futura esposa?²² Em primeiro lugar, pelo tom da questão, já se percebe de onde estamos falando – apesar de algumas mudanças, ainda estamos em uma sociedade que trata a questão sexual (feminina) em termos de exigência, em que o homem pode exigir que a mulher se mantenha *íntegra* até o casamento. Em segundo, a questão é colocada somente em termos femininos: exige-se ou não a virgindade da mulher. Ao homem, nenhum questionamento. Ele ser ou não virgem não preocupa a revista e não é motivo para julgamentos.

A enquête trouxe o resultado: a grande maioria (705 de 1000) ainda exigia a virgindade da futura esposa²³. Este resultado, apesar de não surpreender, é em parte influenciado pelo tom da pergunta e ao fato de que, ao ser entrevistado, é colocada ao homem a questão da sua virilidade.²⁴ A virilidade tem que ser validada diante dos outros, e por isso é

²² *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 40.

²³ *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 41.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Küner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. pp. 63-67.

uma noção eminentemente relacional. O homem que exige a integridade da sua mulher está, perante o grupo, afirmando o seu poder, a sua potência, ou seja, a sua virilidade.

Esta é a primeira reportagem, dentro da revista *Claudia*, que irá falar de sexo. E também, uma das primeiras revistas que falará do assunto, sem utilizar-se de subterfúgios ou palavras excessivamente rebuscadas. Até então, as revistas femininas dos chamados “Anos Dourados” (década de 1950) pouco falavam da questão. E, quando se referiam, tratavam do ato sexual como

[...] *realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida* – a maternidade, *necessidades* do casamento, *obrigações conjugais*. As palavras ‘sexo’, ‘relações sexuais’, ‘virgindade’ e educação sexual praticamente não apareciam nas revistas para mulheres. *Querida*, a revista feminina mais ousada da época, chegou a falar em ‘relações físicas’, enquanto outras só se exprimiam por subterfúgios, tais como *familiaridades, intimidades, liberdades, aventura*.²⁵

Sem dúvida, *Claudia* irá representar um avanço considerável, ao trazer ao cotidiano da mulher de classe média o assunto *sexo*. Apesar de trazer o assunto à tona, ao se posicionar,²⁶ demonstra não querer que a inovação que traz em seu conteúdo signifique maior liberdade e possibilidades novas para as mulheres. A revista mostra claramente seu contentamento em função do resultado da enquete que demonstra que os homens ainda buscam mulheres virgens:

Cidade por cidade, número após número, esse é o resultado. *Um resultado* – convém esclarecer desde já – *que nos causa satisfação*. Tínhamos iniciado a investigação com uma pontinha de receio. [...] Depois percebemos – com enorme prazer – que nos tínhamos equivocado. À medida em que colhíamos os dados, tornava-se cada vez mais clara a maioria dos “sim”. E esses “sim” significavam, não obstante tudo, que a mulher é ainda a de sempre nas suas relações com o homem com quem deverá casar.²⁷

Essa é, na realidade, uma vitória para as mulheres: para aquelas mulheres que olham a vida para a vida não apenas como se olha para uma máquina complicada e cansativa, mas como para uma época rica, pródiga, quando no ar há o perfume das flores.²⁸

²⁵ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 620. (grifos da autora).

²⁶ Era comum, nas revistas femininas do período, o posicionamento constante, a opinião explícita incluída no conteúdo das reportagens. Para o leitor de hoje, ao deparar-se com esse material, esse tipo de texto chama a atenção, pois estamos acostumados ao discurso jornalístico que se coloca como neutro e imparcial. O posicionamento das revistas do período denuncia claramente a parcialidade de quem escreve, seja um jornal, revista, ou mesmo um texto histórico.

²⁷ *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p.41. (grifos meus).

²⁸ *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 38.

O discurso da reportagem também trás constantemente à tona o fato de que “os tempos não mudaram”, ou pelo menos, não mudaram tanto assim. Nega, com veemência, as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. Nos Estados Unidos, por exemplo, uma pesquisa semelhante feita aos homens brasileiros, tivera um percentual de 80% de “não sei”, homens que não tinham uma posição definida sobre o assunto, o que mostra que a sociedade vinha se modificando e que a questão já não era mais consenso. A respeito da posição dos homens norte-americanos e de países europeus onde a mudança estava em grau mais avançado, onde “passou a guerra, a subverter valores humanos e consciências”²⁹:

Todo o povo tem suas estatísticas, toda nação as suas tradições. Os dados que colhemos são *tranquilizantes*. O Brasil, não obstante tudo, não mudou. Era o que queríamos mostrar aos cétricos.³⁰

Entre as possíveis respostas a pergunta do questionário, existia a opção “não sei”. Segundo *Claudia*, longe de estar a par do problema, esses homens demonstravam alto grau de consciência. Acreditavam que precisavam saber da situação, dos seus sentimentos para com a mulher em questão, para poder ter uma opinião. “Entretanto todos, sem exceção, declararam que se a futura esposa lhes tivesse escondido o ‘*pecado secreto*’, dificilmente saberiam *perdoar* ou *esquecer*.”³¹ O que fica evidente é o tratamento do sexo antes do casamento para a mulher como algo *pecaminoso*, mesmo a revista não assumindo nenhum discurso religioso. Também fica claro que, se a mulher cometesse esse “pecado”, o futuro marido poderia até perdoá-la. Ou seja, diante de tamanha falta, a mulher ainda poderia contar com a boa-vontade masculina.

Quanto ao “perdão” masculino diante do “pecado” da mulher, 321 dos entrevistados que disseram que “sim” afirmaram que “em condições especiais, diante da sinceridade e honestidade da futura companheira – saberiam mesmo *perdoar* e *compreender*”³². Destes, 122 não usaram o verbo *compreender* nem *perdoar*. “Verbos que, em casos tais, fazem pender a balança para o lado do orgulho em vez da humildade.”³³ Estes 122 preferiram dizer “Diante

²⁹ *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 41.

³⁰ *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 43. (grifo meu).

³¹ *Claudia*, Ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 41. (grifos meus).

³² *Idem*, p.41.

³³ *Idem*, p.41.

de uma mulher que nos confessasse um erro, saberíamos abster-nos de julgar. Um sinal da sabedoria humana.”³⁴

É claro todo o tom da reportagem, que trata a mulher que faz sexo antes do casamento como alguém que cometeu um deslize grave, “um pecado”, que dependendo das circunstâncias merece ou não o “perdão” masculino. O homem que passa por cima do julgamento é valorizado. Nota-se que ele detém o **poder** de julgar. Se tiver sabedoria e discernimento suficientes, saberá não julgar a mulher por este erro, em uma posição clara de superioridade.

Esse tipo de posicionamento de *Claudia* quanto à virgindade feminina não coincide com o caráter inovador da revista. É certo que a revista trazia em suas páginas diversos temas considerados polêmicos. Mas em alguns casos, o tratamento que dava a eles ainda mantinha uma postura bastante conservadora.

Em resposta a esta reportagem, surge a segunda, em outubro do mesmo ano, querendo saber o que pensavam as mulheres sobre o assunto. A reportagem anterior causou polêmica e diversas mulheres escrevem para a revista, inconformadas e colocando em cheque até mesmo a seriedade da pesquisa. Isso demonstra, contrariando o posicionamento da revista na reportagem de fevereiro, que os tempos mudaram bastante, inclusive a ponto de diversas mulheres se posicionarem e não aceitarem o que fora dito na matéria anterior. Provavelmente, muito mais do que o próprio resultado da enquête, o que possa ter revoltado grande parte das mulheres que escrevem para redação da publicação foi o posicionamento evidente da revista, que se mostra satisfeita pela manutenção do papel feminino tal como era há até mesmo cinquenta anos antes. Essas mulheres não aceitam o que lhes é passado, se indignam e escrevem para *Claudia*. Sabemos o teor das suas queixas pelo filtro de *Claudia*, que provavelmente sonegou as reclamações mais embasadas e críticas. O certo é que essas mulheres da classe média urbana do país já começam a assimilar idéias e pensamentos novos quanto a sua condição.

A nova pesquisa entrevistando somente mulheres é feita, mas em proporções bem menores do que a primeira que buscou a opinião masculina. Ao invés de 1000 homens entrevistados, 320 mulheres, entre 18 e 35 anos de classe média; ao invés de buscar a opinião de estados representantes de diferentes regiões do país, se restringiu a representantes do eixo Rio-São Paulo. Mesmo após reclamações das leitoras, *Claudia* não achou necessário que a

³⁴Idem, p.41.

nova enquête tivesse as proporções da anterior. Quanto a este fato, a revista não faz nenhum tipo de comentário. Simplesmente apresenta uma reportagem menor, com menos embasamento, e assim julga atender às reclamações de suas leitoras. Se as mulheres são o público-alvo da revista, por que não fazer uma pesquisa de igual envergadura para saber a sua opinião?

A mulher, em relação ao homem, em nossa cultura e sociedade, ainda é o *Outro*. Defini-se a partir do homem. Como nos diria uma das grandes pensadoras do século XX: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o sujeito absoluto; ela é o Outro.”³⁵ Percebemos isso ao notar como a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidades de discursos que visem legitimá-la³⁶. Ao referir-se à humanidade como um todo, referimo-nos *aos homens*, e isso assume ares de neutralidade. Ao falarmos às mulheres, já estamos diferenciado, em relação à norma que vê nos homens o princípio, o *Um* da relação. Dessa forma, saber a opinião das mulheres não era tão importante quanto saber a opinião dos homens, já que estas se definem e se caracterizam em relação a eles.

Nesta nova reportagem, a pergunta mudava de tom: não se falava mais em *exigir a integridade física da mulher*, mas algo muito mais ameno: “Como o homem e a mulher devem chegar ao matrimônio, do ponto de vista das experiências sexuais?”³⁷ Os resultados foram também muito mais divididos: 38% achavam que somente os homens deveriam ter experiências sexuais pré-matrimônio; 33% achavam que ambos deveriam ter experiências; 13% acreditavam que isso era indiferente; 11% achavam que nenhum dos dois deveria ter experiências; e 5% responderam “não sei”. Percebe-se que, a opção “só a mulher com experiência” não aparece. Algo impensável para o período? Pode ser, mas mesmo assim chama a atenção ao trazer à tona a diferença de tratamento dada a homens e mulheres, e como somente ao homem era facultado ter experiência pré-conjugal.

Ainda assim, mesmo entrevistando somente mulheres, a maioria achava melhor somente o homem ter tido experiências sexuais. Por quê? Para estas mulheres, predominavam

³⁵ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Vol. 1 – Fatos e mitos. p. 12.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Küner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.18

³⁷ *Claudia*, Ano III, nº 25, outubro de 1963, p. 48.

questões de caráter social e econômico – acatamento à tradição e aos princípios religiosos³⁸, ao fato dos problemas materiais resultantes do desrespeito ao mesmo.

Entre as mulheres que optaram por “ambos com experiência” lançavam o argumento da condição humana da mulher, sujeita as mesmas necessidades alegadas pelo homem, quanto à vida sexual. Neste grupo predominam profissões de nível universitário. Aqui, percebe-se que setores tradicionalmente de vanguarda são os que trazem também as inquietações e reclamações femininas por maior liberdade sexual.

O que perpassa toda esta reportagem, é a preocupação em mostrar diferentes pontos de vista, talvez em razão de que a própria reportagem só ter sido escrita depois de inúmeros protestos de leitoras, que se sentiram incomodadas com a reportagem anterior, que mostrava somente o ponto de vista masculino. *Claudia* procura adaptar-se ao seu público leitor – só isso explica uma mudança tão brusca de posicionamento:

Fazemos coro com o grande número das entrevistadas – dos mais diversos pontos de vista -, que ao longo da nossa pesquisa fez questão de ressaltar a necessidade de educação sexual indistintamente para homens e mulheres, desde os bancos escolares: - Menos preconceitos e mais esclarecimentos. O que define a própria razão de ser dessa reportagem.³⁹

Ou seja, contrastando enormemente com a reportagem anterior, dessa vez a revista não faz nenhuma grande consideração moral e não se tranqüiliza pelos tempos *não terem mudado*. Coloca que a única intenção da reportagem, se alinhando as mais diferentes opiniões, é dar esclarecimento, é fazer coro por mais educação sexual para homens e mulheres. Tenta, dessa maneira, deixar claro que em nenhum momento teria tido a intenção de favorecer um discurso em prol dos homens.

Ao se trabalhar com fontes de caráter periódico deve se levar em conta o fato de que quem escreve a reportagem não é a sempre a mesma pessoa, o que poderia levar a uma mudança no tom do discurso ao se analisar diferentes períodos. Posto isso, poderíamos então pensar que a opinião colocada na primeira reportagem é a opinião de seu escritor, que não é o

³⁸ É interessante notar é que, seguindo os preceitos religiosos predominantes na sociedade brasileira do período (do catolicismo), ambos – mulher e homem – deveriam chegar virgens ao casamento. Dessa maneira, não faria sentido afirmar que as mulheres que acreditavam que somente elas deveriam chegar virgens ao casamento estavam seguindo normas religiosas. Isso se deve, provavelmente, ao simbolismo presente na sociedade ocidental, que sempre associa a mulher ou a santa ou a pecadora (oposição Maria/Eva). Assim, mesmo sabendo que a virgindade vale para os dois, somente sobre a mulher “pesa” o estigma de carregar o pecado e a desgraça da humanidade. À mulher, ou será pecadora ou santa: não existe espaço para meio termo.

³⁹ *Claudia*, Ano III, n.º 25, outubro de 1963, p.50.

mesmo da segunda reportagem e isso logo justificaria uma mudança no tom do discurso entre uma matéria e outra. Ocorre que as reportagens analisadas não eram assinadas (das reportagens analisadas, apenas duas apresentam seus autores), e mesmo que o fossem, respondem pela opinião e posicionamento da revista como um todo. A mudança do discurso, longe de ser a mudança de quem o escreve, é muito mais resultado das pressões exercidas pelo grupo oprimido – as mulheres – que vêem no discurso de uma publicação que se coloca como companheira ir contra as mudanças e o rompimento da antiga condição sexual da mulher e o surgimento de uma nova, na década de 1960. As mulheres de classe média protestam. Não saindo às ruas e levantando bandeiras. Protestam pela palavra. E *Claudia*, uma publicação nova, talvez com medo de perder seu público que aos poucos ia se consolidando, vai adaptando-se as exigências de suas leitoras. Isto coincide com o fato de que, a partir de então, todas as reportagens analisadas possuem um tom mais ameno, com menos posicionamentos da publicação e sempre mantendo o discurso do esclarecimento, de que o único intuito da revista é informar as suas leitoras. Ao tentar seguir o mesmo caminho das publicações antecedentes a si, *Claudia* se choca com uma sociedade que já não irá mais aceitar posicionamento morais enfáticos e que em termos culturais irá conhecer uma profunda mudança.

CAPÍTULO II

O CASAMENTO COMO PRÉ-REQUISITO PARA O SEXO

Se o sexo antes do casamento não era bem visto pela sociedade da época e nem mesmo por *Claudia*, uma publicação que se pretendia inovadora e moderna, o mesmo não ocorria quando o sexo acontecia dentro do lar. Aqui encontramos a grande inovação da revista, que irá incentivar à mulher a livrar-se de seus pudores e entregar-se ao seu marido. As revistas femininas anteriores, da década de 1950, viam a afinidade sexual como um fator menos importante do que outros (como, por exemplo, as prendas domésticas) para a felicidade conjugal. “A esposa ideal era, antes de tudo, o complemento do marido no cotidiano, o bom desempenho erótico da mulher casada não fazia parte das expectativas sociais.”⁴⁰ Essa nova postura de *Claudia*, que contrasta com a de suas antecessoras, não significava necessariamente que a revista estava preocupada com a realização feminina e a procura do seu próprio prazer – era, antes de tudo, uma forma de fazer com que a harmonia do lar e da família permanecesse intocada. Mesmo assim, irá estimular novos comportamentos, novas práticas. A mulher passará a ser estimulada – mesmo que, de início, somente dentro da união conjugal – a preocupar-se com o seu prazer. Junto com o surgimento da pílula, a possibilidade do prazer feminino será ingrediente que irá possibilitar uma nova condição feminina e uma verdadeira revolução nos costumes. Estes fatores serão discutidos na revista *Claudia*.

A preocupação em agradar o marido e em manter um casamento harmonioso perpassa vários trechos das reportagens analisadas. Ao trazer o assunto da pílula anticoncepcional (novembro de 1962), as preocupações com o uso do medicamento são duas: não criar problemas com o companheiro e não arriscar a saúde da mulher que o utiliza: “Mas, qual o método de evitá-los (novos filhos), sem criar incompatibilidade com o marido? E, principalmente, sem arriscar a saúde?”⁴¹ A colocação do homem como eixo central da relação do casal ainda se mantém. Essa tendência, já identificada por Bassanezi⁴², perpetua as

⁴⁰ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 632.

⁴¹ *Claudia*, Ano II, nº 14, novembro de 1962, p. 50.

⁴² BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). In.: *Cadernos PAGU: IFCH/UNICAMP*, nº 1, 1993. p.

desigualdades de gênero, pois à mulher sempre é lembrado que ela não deve desagradar o marido, colocando sobre si uma maior responsabilidade pela manutenção da felicidade do casamento.

As mulheres que não se entregam totalmente ao marido e ao casamento são criticadas. As do tipo maternal, não consideradas boas esposas, pois encaram a união como uma necessidade, mas não conseguem amar, admirar ou sentir a estima indispensável pelo marido para que a entrega seja total, entendendo o casamento apenas como meio para a procriação.⁴³

Para a revista, as mulheres realmente “frias” seriam raríssimas. Mas a maioria não encontraria no casamento as alegrias que esperavam. Dessa forma, na intimidade, permaneceriam indiferentes. Uma ameaça em potencial para o casamento. Como a mulher não teria como dissociar o ato (sexual) do amor, correria o risco de graves danos psíquicos.⁴⁴ Aqui a norma é clara – para a mulher, só existe sexo com amor. Isso a impossibilitaria de qualquer tipo de experiência sexual que não envolvesse uma completa união entre o casal.

Em alguns momentos, a revista também culpa o marido pela falta de harmonia conjugal. O egoísmo e indiferença deste, que ignora que há entre ele e a mulher uma “fusão completa”. A mulher, pela sua própria educação e pelo tabu que cerca o assunto, nunca se manifestaria, nunca reclamaria da atitude de seu companheiro. Essa seria a causa mais comum de relações incompletas.⁴⁵

Um erro comum feminino, que atrapalharia o pleno desenvolvimento da relação amorosa, seriam aquelas mulheres que estenderiam a virtude e o recato demasiadamente para dentro da vida conjugal:

É freqüente ver-se mulheres de qualidades morais elevadas, mas com errônea concepção de vida matrimonial, praticamente gabar-se de sua indiferença, por considerarem pecaminosos os impulsos físicos, mesmo em relação ao marido. Entendem os deveres conjugais no sentido mais restritivo e severo, transformando-se em verdadeiros demônios da virtude.⁴⁶

A mulher deveria, então, despojar-se de seus medos e preconceitos e entregar-se a vida conjugal plenamente. E isso envolveria também o sexo.

⁴³ *Claudia*, Ano III, nº 18, março de 1963, p.28.

⁴⁴ *Idem*, p. 28.

⁴⁵ *Idem*, p. 28.

⁴⁶ *Idem*, p. 28.

Existia uma clara preocupação em redimir o sexo da sua imagem ruim, de algo sujo e mal visto pelas mulheres. Para a revista, criara-se a falsa idéia de que o amor seria algo nobre, mas o sexo não. Para *Claudia*, eram duas coisas indissociáveis:

Em última instância, essa atitude revela um conceito falso, uma falha noção de hierarquias: o amor é nobre em si, o sexo não; só quando justificado pelo amor o sexo adquire nobreza. Ora, nem o instinto sexual é subalterno ao amor chamado espiritual, nem vice-versa; a questão é tão ociosa como debater se a parte mais nobre de uma casa é o teto ou são as paredes; faltando qualquer dos dois, teto ou paredes, já a casa deixa de ser casa.⁴⁷

Apesar de incentivar que a mulher livre-se de seus pudores, ela só deveria cogitar fazer isso com o seu marido. Qualquer tipo de desejo que não se destinasse ao seu companheiro era visto não só com desaprovação, mas também classificado como algo próprio de pessoas não civilizadas:

No ser civilizado, além de tender a um fim, o sexo igualmente tende a um objeto. Isto significa que o instinto sexual não é uma força indiscriminada e cega, mas sim um impulso seletivo, que se dirige a um indivíduo específico. No amor, deseja-se só o amado.⁴⁸

Sentir desejo ou atração por alguém que não o “ser amado” deveria ser motivo de preocupação: faria parte de instintos dos quais a mulher deveria se manter distante.

A vinculação entre sexo e amor é completa. Se para a mulher não existia sexo sem amor, para o homem isso seria possível. “Portanto, na pessoa psicologicamente sadia que já fez sua escolha, o desejo sexual é um componente indivisível do amor.”⁴⁹ A mulher poderia fazer sexo e sentir desejo, desde que dentro dos limites do casamento, com a pessoa amada. Essa posição vincula completamente às mulheres ao casamento para que possam experimentar a sua sexualidade.

Mas quando os casais deveriam fazer sexo? Em momentos especiais? Para “fazer as pazes” após uma discussão? Esta última possibilidade é desaprovada pela revista que pondera:

⁴⁷ *Claudia*, Ano IV, n° 37, outubro de 1964, p. 143.

⁴⁸ *Idem*, p. 143.

⁴⁹ *Idem*, p. 143.

Alguns casais jovens crêem que o melhor meio de passar a esponja numa disputa ou mal-entendido é caírem nos braços um do outro. Por certo, se o desgosto e o ressentimento já se dissiparam e os dois estão desejando fazer as pazes, o sexo é uma solução perfeitamente inobjektável. Mas se ainda subsiste na mente algum resto de rancor, despeito, amargura ou simples má-vontade contra o outro, o sexo seria um erro.⁵⁰

Além disso, o sexo não deve ser algo corriqueiro, mas sim reservado para momentos especiais: “No casamento, a realidade, a coexistência, os mil problemas a enfrentar representam o cotidiano; o sexo é a festa, e como tal, exige o preparo, o entusiasmo, a predisposição festiva.”⁵¹ Poderia-se e deveria-se fazer sexo; mas com a preocupação de tornar um momento especial e não confundir-los com os afazeres do cotidiano.

A revista fala também do “como”, ou seja, do que se poderia ou não fazer em termos sexuais. Era comum na sociedade da época (e na de hoje isso ainda persiste), falar-se que o vínculo matrimonial colocaria uma série de limitações ao ato sexual. Teria se estabelecido a convenção de que com a esposa legítima “certas coisas” não deveriam ser feitas.⁵² *Claudia* critica fortemente essa idéia, e acusa-a de ser frase comum “sobretudo na boca de libertinos, que com certeza a esgrimem para justificar suas aventuras extraconjugais.”⁵³ Neste ponto, a revista se posiciona de maneira avançada, pois vai contra o senso comum que faculta aos homens a possibilidade de manter casos extraconjugais.

Mas este posicionamento vai somente até a frase seguinte, onde as possibilidades de transgredir os padrões convencionais de sexo se esgotam. “É fácil, mesmo imaginar que, para eles (os ‘libertinos’), as famosas ‘certas coisas’ consistem em extravagâncias tais que, em última análise, pouco ou nada tem a ver com o sexo em termos de união entre dois seres.”⁵⁴ Fazer sexo é, acima de tudo, na concepção de *Claudia*, fazer amor. Apesar de, a todo o momento, demonstrar elasticidade em relação ao assunto, certos padrões se mantêm fixos. Existem sim “certas coisas” entre um casal que não devem ser feitas. São as “extravagâncias” citadas pela revista, que não são atitudes consideradas adequadas.

Claudia diz o que o casal deve fazer em termos sexuais – mas mantém o tempo inteiro o discurso de flexibilidade dos padrões. “O como é a parte mais elástica dentre os vários elementos da vida sexual de um casal. Foge a classificações precisas, a normas rígidas, a

⁵⁰ *Claudia*, Ano IV, nº 37, outubro de 1964, p.145.

⁵¹ *Claudia*, Ano IV, nº 37, outubro de 1964, p. 143 e 145.

⁵² *Idem*, p. 143.

⁵³ *Idem*, p. 143.

⁵⁴ *Idem*, p. 143.

diretrizes definidas, e apenas se ajusta a certas leis muito amplas e gerais.”⁵⁵ Em caso de dúvida, de estar fazendo algo certo ou não, o casal deveria recorrer ao bom-senso: era ele que iria distinguir entre uma variação comum de uma pessoa para outra e as anomalias.⁵⁶

Apesar de ainda corroborar com preceitos conservadores, *Claudia* em diferentes momentos se posiciona de maneira a que a mulher encontre a sua felicidade sexual, dentro do casamento, em absoluto. Ao falar da noite de núpcias, procura mostrar que “longe de constituir um barômetro do futuro, a prova de fogo, é uma simples tentativa inicial.”⁵⁷ O sexo não deveria mais ser encarado como uma obrigação ruim, mas sim como um momento para completa união amorosa do casal. Deve ser composto de tentativas, até que se encontrasse a união completa.

O ato sexual completaria a união amorosa do casal. O prêmio, o coroamento de tudo isso eram os filhos. Grande problema se constituiria então quando um casal, após diversas tentativas, não conseguiria gerar os frutos desse amor. A união ficaria incompleta. O papel *natural* de toda mulher, além de ser boa esposa, era também ser mãe. Mesmo que *Claudia* tivesse “ares de modernidade”, não fugia desse padrão de conduta feminino. Rodeadas por grande preconceito, as mulheres sempre foram responsabilizadas pela falta de filhos em um casamento. *Claudia* vai falar do assunto, ao responsabilizar também os homens pelos casamentos estéreis.

O assunto era envolto em grande tabu – e a parte da culpa disso seria das mulheres, que “continuam até hoje a referir-se ao marido estéril como se fosse um personagem irreal, que não pode existir, mas sobre cuja existência elas mantêm dúvidas que provocam um sentimento quase de vergonha.”⁵⁸ Aqui, percebe-se como a revista reforça a percepção de maior responsabilidade da mulher pela harmonia conjugal. Mesmo quando são apontados os homens como responsáveis por um problema, por serem avessos a discutir o assunto, ainda assim uma parcela da culpa é transferida para o lado feminino.

Claudia traz o homem também como responsável pela esterilidade – mas ameniza o discurso, utilizando o recurso da vitimização masculina:

As estatísticas particulares de muitos estudiosos revelaram que trinta por cento dos matrimônios estéreis são uma conseqüência de uma alteração nas células seminais

⁵⁵ Idem, p. 143.

⁵⁶ Idem, p. 143.

⁵⁷ Idem, p. 145.

⁵⁸ *Claudia*, Ano III, nº 22, julho de 1963, p. 45.

masculinas. *E a verdade é que o homem já nasce com tendência a ser vítima de uma dessas anomalias, que se manifestarão nos anos de seu amadurecimento sexual, tornando-o estéril.*⁵⁹

Mas nem sempre a falta de células seminais é responsável pela incapacidade masculina de fecundar. *Pois o homem pode ser vítima de distúrbios físicos ou circunstâncias externas que o inibam, impedindo-o de produzir o sêmen.*⁶⁰

Verificou-se que *alguns homens eram vítimas de uma falta absoluta de células seminais [...]*⁶¹

Apesar de tratar do assunto e trazer a opinião de pesquisas que demonstravam que o homem teria a mesma parcela de “culpa” na falta de filhos do casal, a revista desculpa os homens por isso: apesar de serem responsáveis pela falta de filhos tanto quanto às mulheres, é sempre lembrado que se eram estéreis, o eram por serem vítimas de condições biológicas particulares que causavam esse problema.

A virilidade masculina seria novamente colocada em cheque na hora de procurar um médico para tratar do problema. Mas a revista acreditava que

Já é hora de o homem aprender a aceitar com modéstia certas regras da existência, como, precisamente, a de sujeitar-se à averiguação da própria capacidade fecundante, sem se sentir ofendido na sua integridade masculina.⁶²

Ao falar da esterilidade masculina, *Claudia* apresenta uma de seus textos mais progressistas no período analisado. Ao colocar o homem também como responsável pela falta de filhos do casal, tira parte do “peso” dos ombros femininos. Contribui e encoraja à mulher a conversar com seu marido a respeito do assunto.

De qualquer forma, pelo tom geral das reportagens analisadas, fica difícil acreditar que a revista faria isso com o intuito de esclarecer as mulheres para que assim pudessem ter maior autonomia perante à sociedade e aos homens. O que a revista busca de maneira bastante clara é a harmonia conjugal. *Claudia* era uma revista voltada para a classe média urbana, estruturada a partir da família burguesa, que tem seu surgimento, no Brasil no século XIX.

⁵⁹ *Claudia*, Ano III, nº 22, julho de 1963, p. 44. (grifo meu).

⁶⁰ *Idem*, p. 44 (grifo meu).

⁶¹ *Idem*, p. 44. (grifo meu).

⁶² *Claudia*, Ano III, nº 22, julho de 1963, p. 44.

Esta concepção de família modifica também a noção do papel feminino: é então que nascem as idéias de uma mulher voltada para o lar, para a maternidade, para o marido, desobrigada de qualquer trabalho produtivo, que representavam o ideal de retidão e proibidade.⁶³ Seguindo essa linha, *Claudia* procura fazer com que as mulheres invistam na intimidade do casal para que, dessa forma, a harmonia do lar se mantenha. Neste sentido, ela não apresenta nenhuma diferença em relação às revistas voltadas ao público feminino que a antecederam, pois a sua preocupação maior ainda é a harmonia do casal. O que ocorre é que, devido às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, não falar de sexo era inconcebível. *Claudia* se adéqua a este movimento irreversível, e traz para suas páginas o assunto. Busca sim que a mulher se conheça mais, e mesmo se eduque no que fazia referência ao sexo. Mas isso tudo dentro de limites muito rígidos, os limites do matrimônio. Não existe, no período analisado, nenhuma consideração para o fato de que, com a flexibilização dos padrões sociais e culturais, as mulheres também pudessem experimentar a sua sexualidade fora do casamento. Quando fala do assunto, a revista procura alertar para os perigos que os novos tempos podem trazer aos valores morais tradicionais e deixa claro que não é isso que busca em suas páginas.

⁶³ D'INCAO, Maria ÂNGELA. Mulher e família burguesa. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 223.

CAPÍTULO III

TRANSGREDINDO AS NORMAS: QUANDO O SEXO ACONTECE FORA DO CASAMENTO

Entre as possíveis transgressões às normas estabelecidas em termos sexuais, *Claudia* irá falar especialmente da perda da virgindade antes do casamento (já tratada no capítulo I) e da infidelidade. Optou-se por seguir uma espécie de ordem crescente e linear, tratando-se primeiro da virgindade (e a sua perda antes de casar), o sexo (já dentro da união conjugal) e, por fim, a infidelidade (que representaria uma etapa posterior, que poderia suceder as duas anteriores). Dessa forma, as duas transgressões identificadas ficaram separadas no corpo da análise, por motivos exclusivamente metodológicos.

O assunto “infidelidade” irá aparecer nas páginas de *Claudia* em maio de 1963. A revista irá trazer o assunto, novamente, em dois eixos: o do homem que comete a traição e o da mulher.

Entre as causas da traição masculina estaria o fato de que muitas mulheres permaneceriam frias, não cumprindo suas obrigações matrimoniais e, dessa forma, justificariam a traição do homem, que iria buscar em outra mulher o que não encontrava em casa. A “frieza” feminina não teria causas físicas, mas sim psíquicas, culpa de uma educação tradicional muito rígida, que sonegaria das mulheres maiores conhecimentos sobre o assunto. E *Claudia* tenta corrigir essa educação que considera errada, não só nessa reportagem como em outras.

Para a revista, dando um palpite, mas “tão fundamentado, que mereceria crédito e não surpreenderia ninguém”⁶⁴, mais de cinquenta por cento dos homens, pelo menos uma vez na vida, teriam sido infiéis. Mesmo quando dedicariam à esposa afeição, carinho, amor verdadeiro e eram correspondidos. Por que isso ocorreria?

Na opinião de um médico, consultado pela revista, a infidelidade teria normalmente dois culpados: o marido e a mulher. Um ou outro acabariam encorajando a traição do cônjuge

⁶⁴ *Claudia*, Ano III, nº 20, maio de 1963, p. 64.

“Há, portanto, mulheres que, direta ou indiretamente, encorajam a traição do marido.”⁶⁵ Dois casos se destacam: o de mulheres que, por um motivo ou por outro, fogem das obrigações sexuais que o matrimônio subentende, alegando a famosa “dor de cabeça”, e o segundo caso:

As mulheres que não dedicam ao marido a atenção que a presença dele reclama, as desinteressadas na vida que o homem leva fora de casa, as que não sabem consolá-lo, aconselhá-lo, ampará-lo nas horas amargas e regozijar-se com ele nos bons momentos; as más donas de casa e mães descuidadas, que conhecem os segredos do ‘pif-paf’ mas não sabem passar um bife na chapa e as donas de casa impecáveis que manipulam temperos triunfais mas ignoram o endereço do escritório do marido; as tiranas que trancam a porta no dia do futebol; as ciumentas, que passam em revista os bolsos do marido em busca do lenço comprometedor; as enfadonhas do gênero lamuriento, que não titubeiam em colocar o homem frente a frente com os seus problemas miúdos, a base de crianças desobedientes, costureiras impontuais, criadas mal-criadas.⁶⁶

A mulher que não quisesse ser surpreendida pela traição do marido deveria se esforçar para saber tudo da vida dele, mostrar-se interessada pela sua profissão, enfim, ser atenciosa, companheira, dedicada. Em contrapartida, não deveria trazer problemas do seu cotidiano, como casos com empregadas, crianças, etc. Deveria saber ouvir, mas não esperar ser ouvida; ser atenciosa, mas não esperar atenção. Caso contrário, o marido poderia acabar procurando outra, e grande parte da culpa seria da esposa, que não soubera se portar de maneira adequada, importunando o marido com assuntos desagradáveis e de importância secundária.

A traição masculina ainda poderia ter explicação (e justificativa) em exemplos de “crueldade feminina”, que tornariam a vida de seus maridos de tal forma insuportável, que ninguém poderia culpá-los por procurar consolo em outros braços. Os tribunais de divórcio da Inglaterra e Estados Unidos, por exemplo,

[...] guardam exemplos antológicos de crueldade mental que na opinião dos juízes justificaram a definitiva separação de um casal e a dissolução do matrimônio. Recentemente na Inglaterra, um marido farto da esposa obteve o ‘placet’ para arrumar a mala e dar o fora por causa dos bigodes, que ele pretendia deixar crescer e que ela vetava com teimosia stalinista. O tribunal, em todo o caso, não se deixou levar pela história, a não ser quando se evidenciaram as provas de que os bigodes eram o símbolo da intransigência da esposa. A proibição atirada sobre a mesa do julgamento escondia toda uma série de outros vetos, a vida muito triste de um cidadão de Sua Majestade bitolado por uma megera indomável. Ora, se o inglês de

⁶⁵ Claudia, Ano III, nº 20, maio de 1963, p. 65.

⁶⁶ Idem, p. 65.

sonhos modestos tivesse traído a esposa, quem se apressaria a dar a famosa pedrada?⁶⁷

Evidenciam-se nesse trecho e no anterior, a maneira pejorativa com que é tratada a mulher. Portadora de “teimosia stalinista”, chamada de “megera indomável” e, no anterior, “tiranias que trancam a porta no dia do futebol” e “enfadonhas do gênero lamuriento”, esse tipo de adjetivos fazem parte de uma forma de estratégia que, junto com a zombaria, procuram ridicularizar as mulheres e impedir modificações na estrutura das relações de poder entre os gêneros.⁶⁸ As mulheres que não se comportavam de acordo com os padrões estabelecidos, e buscavam dentro do casamento uma relação diferente, talvez com maior divisão de tarefas e/ou responsabilidades, além de carregarem o peso de serem culpadas por uma possível infidelidade do marido, ainda eram ridicularizadas, de maneira a frearem suas aspirações.

O segundo caso tratado pela revista, considerado muito pior do que os anteriores, que trazem os casos de mulheres que por seu comportamento inadequado “provocavam” a infidelidade do marido, era o das mulheres infiéis.

A revista traz então o seguinte texto:

Sugeria Confúcio – ou alguém muito parecido com ele – dirigindo-se ao homem: à noite, ao regressar à sua casa, dê uma surra na sua esposa: você não sabe porque, ela sabe. O filósofo que tem que ser chinês não se referia exclusivamente às esposas infiéis. Outros motivos, se acertei na interpretação do conselho, podem motivar a sova. Mas não esquecia as traidoras.⁶⁹

As mulheres traidoras, ou que tivessem qualquer outro tipo de comportamento inadequado no casamento, mereceriam apanhar de seus maridos. Isso, na época do filósofo citado. A revista não diz que esse comportamento é correto, mas ao citar essa passagem, não se posiciona claramente contrária. Simplesmente a cita, quando irá falar das esposas infiéis. Ela fica confusa, vaga, perdida no corpo do texto. Mas chama a atenção pelo absurdo e mesmo mau-gosto do autor que a trouxe ao corpo da reportagem.

Mas por que as mulheres traíam? Comparado ao número de homens infiéis, o de mulheres seria muito menor. Uma, ou no máximo duas em cada dez cometeria adultério. Um

⁶⁷ Idem, p. 65.

⁶⁸ SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. In.: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 13, nº 3, set/dez. 2005.

⁶⁹ Claudia, Ano III, nº 20, maio de 1963, p. 64.

dos motivos seria o de que a mulher não teria atrás de si uma tradição de infidelidade, como os homens: “Atrás dela, em lugar de Don Juans e Casanovas, exemplos famosos famosamente condenados. Em torno delas, novos cintos de castidade, educações normalmente rígidas”⁷⁰ A mulher sempre sofrera rígido controle dos pais, dos irmãos e mesmo de desconhecidos.

Percebe-se que ao trazer o fato de que as mulheres em geral sempre tiveram uma educação mais rígida e controladora, e é isso que explica o fato de que elas são menos infiéis do que os homens, *Claudia* rompe com a idéia da natureza monogâmica da mulher em oposição à poligâmica do homem. Busca identificar a historicidade dessa diferença de comportamento.

Quando começa a sair do lar para trabalhar de forma remunerada, a mulher e a família ficariam sujeitas a abalos. A mulher sempre fora considerada a base da família, a estrutura do lar. Apesar disso, *Claudia* não critica esse fato, pois mesmo com o trabalho feminino, poucas coisas teriam mudado em matéria de fidelidade conjugal.

Para trair, a mulher teria que superar grandes barreiras, que teriam se erguido dentro dela mesma. Ela poderia ainda seguir para o caminho da prostituição, como uma maneira de “vingar-se” uma educação muito rígida.

Outro fator que dificultaria a infidelidade da mulher seria a presença de filhos. Eles reforçariam ainda mais as barreiras íntimas que se constituiriam dentro dela. Além do mais “O amor materno, coisa sabida, tem alto poder de freagem”⁷¹ A imagem do lar desvaneceria na mulher a vontade de cometer o adultério. Ela orgulhar-se-ia da sua casa e família e teria assim motivos muito fortes para não trair.

Desta forma, a mulher só trairia “na eventualidade extrema de outro homem que não o marido lhe despertar uma atração muito forte”⁷². A escapadela, acontecimento sem maiores conseqüência, seria algo raro. Seria mais comum nas camadas inferiores e superiores das classes sociais. “Diz o teatrólogo Abílio Pereira de Almeida: ‘O adultério é freqüente na favela como no café society: só, com menos água e sabão.’”⁷³

Os homens, assim como as mulheres, também facilitariam a traição do cônjuge. Esses homens seriam os que:

⁷⁰ *Claudia*, Ano III, nº 20, maio de 1963, p. 65.

⁷¹ *Idem*, p. 65

⁷² *Idem*, p. 77

⁷³ *Idem*, p. 77.

Atentam contra a fidelidade da esposa os homens ciumentos, que contratam investigadores particulares e os atiram no encalço das mulheres; os tiranos que se julgam investidos da soberania familiar por direito divino; os trabalhadores infatigáveis que se entregam de corpo e alma ao serviço e se esquecem de “namorar a esposa”, como diz Frei Barruel; os enfadonhos que impingem à mulher todos os seus problemas grandes e pequenos; os eternos adolescentes que correm atrás de qualquer saia, e por aí afora.⁷⁴

Para os homens, a famosa escapadela seria justificável por alguns motivos: os homens conseguiriam separar sexo e amor, e as mulheres não, algo que tornaria a traição masculina mais leve; o homem teria necessidades fisiológicas diferentes das da mulher; a traição dos homens não traria conseqüências, enquanto a da mulher sim (referindo-se a possíveis filhos gerados fora do lar).

Claudia discorda de algumas dessas afirmações. Quanto à primeira, diz que se o homem conseguiria separar o sexo do amor é porque teria se acostumado com o amor comprado, enquanto a mulher, dita de boa reputação, só se entregaria “em nome de um amor sem mercado”. Quanto à segunda afirmação, a revista discorda, e utiliza uma palavra surpreendente ao explicar a diferença: “no máximo, pode-se dizer que o homem se excita mais facilmente, cedendo às sugestões do pensamento e da visão, o que em geral não corre com a mulher (como, aliás, indicou o relatório Kinsey)”. A palavra excitar foge completamente ao vocabulário das revistas femininas de até então, e de mesmo de *Claudia* que trás a temática sexual.

Claudia se coloca contrária a esse tipo de posicionamento, que para ela seria puro egoísmo masculino, para dar corda a sua condição de sexo forte, abusando desta força.

Não existiria nada pior para um homem do que saber que a sua mulher o tivera traído. Isso atentaria contra o próprio respeito humano, e se desencadearia o “complexo dos cornos – a palavra é vulgar, mas evidente – e as conseqüências imprevisíveis”⁷⁵. Entre estas conseqüências, a possibilidade de o homem querer “lavar a honra” e curar a sua vergonha com sangue.

A honra feminina não seria afetada pela traição, sendo que na maioria dos casos, a mulher voltaria a ceder diante da imposição do marido. Para as mulheres, a sua respeitabilidade seria medida por outro fator – a virgindade. Apesar disso, começavam a surgir casos de mulheres que não aceitariam os argumentos masculinos e que, em caso de traição, achavam preferível terminar a relação:

⁷⁴ Idem, p. 77.

⁷⁵ *Claudia*, Ano III, nº 20, maio de 1963, p. 67.

Declarava uma jovem esposa apaixonadíssima pelo marido: “Se souber que ele me traiu, ainda que uma vez somente, entre nós está tudo acabado”. E sabemos de outra que ao inteirar-se que o marido tinha organizado uma escapadela com a empregada, pediu imediatamente o desquite.⁷⁶

Apesar destas mudanças, o número de casais que perdoariam o cônjuge seria maior. E *Claudia* elogia o fato, numa clara amostra de que a harmonia do casal era o mais importante: “Quem perdoa, sabe avaliar as suas próprias fraquezas que são as de todos. Ironia, portanto para conter o orgulho, a paciência, para saber esperar”⁷⁷.

Apesar de o homem ainda se valer de argumentos que justificassem a sua traição, *Claudia* alerta que esse egoísmo ia sendo corroído, pois mesmo a “psiquiatria, tão disposta a acentuar a importância dos problemas sexuais, vai desbaratando a antiga afirmação pela qual o homem é polígamo por natureza”. E não só por argumentos morais o casamento monogâmico era considerado o correto, pois mesmo “A ciência tem demonstrado também que o homem e a mulher que em virtude de uma química secreta se uniram para completar-se, realizam-se dentro do casamento monogâmico”. Para que esta relação seja satisfatória, uma melhor educação sexual deveria ser dada, tanto para homens quanto para mulheres.

Neste capítulo, pode-se perceber que o tratamento dado às mulheres e homens se assemelha bastante, e diferenças muito grandes vão sendo suprimidas. A revista não se contentará mais pela manutenção de velhos costumes, mas sim trará novas idéias, como a do famoso Relatório Kinsey. Dessa forma, irá adaptando-se, e pelo menos dentro da união conjugal, o papel do casal irá se aproximar.

⁷⁶ Idem, p. 67

⁷⁷ Idem, p. 67.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, faz-se necessário a síntese de alguns pontos de destaque que apareceram no decorrer da pesquisa.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que a revista *Claudia* apresentou inovações importantes e consideráveis no que diz respeito ao comportamento sexual feminino e masculino. No período analisado, ela incentivou posturas novas, que buscavam encurtar o distanciamento entre mulheres e homens na relação. Posturas que possibilitavam aos homens certos comportamentos e às mulheres não, como a infidelidade conjugal, a famosa escapadela, que seria tão própria da natureza masculina, já não serão mais aceitas pela revista, que irá desmontar a tese de que os homens seriam poligâmicos por natureza e por isso seria necessário a eles a satisfação sexual com mais de uma mulher. Isso, para *Claudia*, não fará mais sentido, e além de uma desculpa, seria também uma maneira dos homens, o chamado sexo forte, abusarem do poder que historicamente lhe fora concedido.

A valorização e encorajamento da busca do prazer sexual pelas mulheres é talvez a inovação que mais chame a atenção. As mulheres são incentivadas a buscar o seu prazer, e esse é inclusive um dos pontos de grande importância na completa união e felicidade de um casal, fato que pouco era levado em conta em revistas femininas anteriores. Mulheres que se mostravam frias, que ainda acreditavam no sexo como algo pecaminoso, uma *obrigação* do casamento, serão fortemente criticadas e incentivadas a investir no prazer sexual do casal.

Se falar de sexo já era algo de muito novo para publicações destinadas ao público feminino, *Claudia* inova mais ainda ao falar do assunto sem utilizar-se dos tão comuns subterfúgios, a única maneira pela qual as revistas anteriores tangenciavam o assunto. Palavras como “prazer” e “excitar”, mesmo que isoladas pareçam um avanço pequeno, trazem o assunto para o cotidiano, para a leitura dessas mulheres. Sexo torna-se algo que pode ser discutido, falado.

A responsabilização do homem pela esterilidade do casal, tratada em julho de 1963, também chama a atenção. Ao responsabilizar também o homem pela falta de filhos no casamento, *Claudia* contribui para diminuir a distância entre o casal, e tira a responsabilidade exclusivamente das mulheres, mesmo tendo o cuidado de tratar os homens como “vítimas” da esterilidade.

Ao falar da pílula anticoncepcional, a revista abre uma brecha importante para que as mulheres possam também descobrir a sua sexualidade fora do casamento. Essa pode não ser a intenção da publicação, que trás o medicamento somente como um importante aliado para o planejamento familiar, e teme pelo mau uso e desvirtuamento dos costumes que este poderá trazer. Utilizar a “pílula cor-de-rosa” com um parceiro que não o marido é algo impensável. Apesar disso, pelo simples fato de falar do medicamento e esclarecer as leitoras sobre ele, *Claudia* possibilita que essas mulheres se sintam mais a vontade com a sua sexualidade, pois não irão mais correr o risco da geração de filhos indesejados. Estes, um dos principais impedimentos para relações fora do âmbito conjugal.

Apesar de todas essas inovações e mudanças, inegáveis a fonte de pesquisa, *Claudia* era uma publicação ainda extremamente preocupada com os valores tradicionais da sociedade, que assumem em suas páginas, os valores e a manutenção da família burguesa. Falar de sexo é possível porque este, com as mudanças que vinham acontecendo, está na ordem do dia e torna-se componente fundamental para a felicidade do casamento. Sendo assim, *Claudia* irá se preocupar com o aprendizado e o esclarecimento das mulheres sobre o assunto, que era bastante precário até então.

Se a temática *sexo* vai parar nas páginas de *Claudia* de maneira bastante freqüente na década de 1960, é preocupação desde o início que ele seja feito somente dentro da união matrimonial entre homem e mulher. Em 1962, a revista mostra-se preocupada com o fato de que a pílula poderá corromper os costumes (leia-se, que o sexo seja feito fora da união conjugal); em 1963, ela comemora o fato de que os homens ainda procurem mulheres virgens e com isso as moças ainda se mantenham *íntegras* até o casamento.

Fora a isso, na análise minuciosa dos textos, o tratamento diferenciado dado a homens e mulheres ainda persiste. São palavras, opiniões e a própria forma de abordagem do assunto que, mesmo dentro de um conteúdo inovador, ainda esperam que as mulheres se comportem como mulheres, e os homens se comportem como homens. A mulher agora terá direito ao prazer sexual, mas ainda deve saber passar um bife na chapa; o homem também tem responsabilidade na esterilidade de um casal, mas não se apressem em acusá-lo: ele é *vítima* de uma série de fatores que levam a esta condição.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Claudia, Ano II, nº 14, São Paulo, novembro de 1962.

Claudia, Ano III, nº 17, São Paulo, fevereiro de 1963.

Claudia, Ano III, nº 18, São Paulo, março de 1963.

Claudia, Ano III, nº 20, São Paulo, maio de 1963.

Claudia, Ano III, nº 22, São Paulo, julho de 1963.

Claudia, Ano III, nº 25, São Paulo, outubro de 1963.

Claudia, Ano IV, nº 37, São Paulo, outubro de 1964.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 45-73.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 607-639.

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). In.: *Cadernos PAGU: IFCH/UNICAMP*, nº 1, 1993. pp. 111-146.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Vol. 1 – Fatos e mitos. pp. 7-23.

BORGES, Joana Vieira. A grande dama do feminismo no Brasil. In.: *Revista Estudos feministas*. Florianópolis, vol. 14, nº 2, mai/set. 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Küner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARELI, Sandra da Silva. *Texto e contexto: virtude e comportamento sexual adequados às mulheres na visão da imprensa porto-alegrense da segunda metade do século XIX*. Porto Alegre, junho de 2007. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COSTA, Maria Paula. Revista Claudia: Imagens Femininas na moderna Sociedade Brasileira (1961-1985). In: *XXIII Simpósio Nacional de História. História: Guerra e Paz*. 2005, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. v. 1.

D'INCAO, Maria ÂNGELA. Mulher e família burguesa. In.: In.: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmem da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. Cap. 1.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In.: *Cadernos de estudo*. PPGH/UFRGS, DEZ. 1995. pp. 19-29.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, n. 45, jul/2003.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In.: *Educação e realidade*. Porto Alegre, jul/dez. 1990. pp. 5-22.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, nº 54. Dez. 2007. pp. 281-300.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. In.: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 13, nº 3, set/dez. 2005.